

Da migração à tradução

From migration to translation

Gabriel Iochpe Wainstein¹

Resumo: Este artigo visa a apresentar a migração da minha bisavô Sônia, da Europa para a América do Sul, os cadernos que levou consigo e minha tradução deles. Primeiro, narra-se a jornada da Polônia para o Brasil. Depois, revela-se o valor sentimental dos cadernos para a bisavô e para a família. E, por fim, une-se o caminho dela, o migratório, com o meu, o tradutório, por meio de comentários sobre a tradução de um conto dela que traduzi para o TCC.

Palavras-chave: Tradução; Língua Russa; Sônia Wassertein; Ezra Pound; Haroldo de Campos.

Abstract: This article aims to present my great-grandmother Sônia's migration from Europe to South America, the notebooks she took with herself and my translation of them. First, the journey from Poland to Brazil is narrated. Then, the sentimental value of the notebooks for the great-grandmother and for the family is revealed. And, finally, her path, the migratory, is united with mine, the translator, through comments on the translation of a short story that I translated for the undergraduate final project.

Keywords: Translation; Russian language; Sônia Wassertein; Ezra Pound; Haroldo de Campos.

1. Introdução

Na iminência da Segunda Guerra Mundial, duas jovens judias tiveram que tomar uma decisão: abandonar a família. Já tinham assistido à partida do irmão mais velho, o Bernard, para a Inglaterra, única forma de escapar do alistamento militar obrigatório da Polônia. A ida dele serviu de deixa para elas. Com a fome se tornando uma constante e o antissemitismo, uma realidade, avisaram ao resto da família que de Pinsk² seiam.

A primeira das irmãs encaixotou todos os pertences que tinha. Queria levar tudo consigo e não deixar nada para trás. Já a segunda foi mais prática: levaria somente o essencial, pois dali para frente era vida nova. De malas feitas e adeuses dados, deixaram Pinsk. A primeira parada foi Antupérpia; de onde zarparam para a segunda e última parada: o Rio de Janeiro.

A irmã que tinha levado quase nada, a Fanny, encantou-se com a capital brasileira, que, de acordo com um dos passageiros do navio, tinha passado por um grande processo de

¹ Graduado em Letras – Tradutor (português/inglês) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

harmonização para se desvencilhar do passado escravocrata. Identificou-se, assim, com a cidade e resolveu assentar as raízes por lá.

Já a outra irmã, que tudo tinha levado, não se acostumou aos novos ares, ao turbilhão da cidade grande. Por isso, teve que tomar outra decisão: abandonar a irmã e começar uma nova vida.

A terceira e última parada dela, da Sônia, foi uma cidade pacata que lhe lembrava da sua: Porto Alegre. Lá, finalmente pôde desencaixotar seus pertences. Entre eles, havia dois que tinha guardado com cuidado especial: seus cadernos. Cadernos onde escrevia a cada dia, lá na Europa, suas criações, as quais, desde a primeira partida, não recebiam novos rabiscos. Pôs-se, então, a escrevê-los. Um rabisco aqui e outro ali, e apareceu o marido, o Mendel; umas garatujas acolá, e vieram as filhas: Rebeca, Ida e Marisa; mal apontou o lápis, e as filhas já tinham casado e – duas delas – tido filhos; quando percebeu, os filhos das suas filhas já tinham os próprios filhos. E com mais de 500 páginas entremeadas de filhas, netos e bisnetos, a Sônia resolveu aposentar os cadernos, guardando-os, novamente, em umacaixa.

Anos mais tarde, a filha Rebeca encontrou, enquanto limpava o gabinete de casa, umas caixas esquecidas e abandonadas. Curiosa, abriu cada uma delas e se deparou com os cadernos que sua mãe nunca largava. Tão logo atinou o que tinha achado, começou a folheá-los com entusiasmo nostálgico; pouco depois, lembrou por que não o fazia: os cadernos estavam em russo, a língua materna da Sônia. Com um gosto agridoce na boca, avisou uma das netas, a Júlia, sobre o recente achado e o desejo de preservá-lo.

A bisneta da Sônia, no entanto, quis ir além: queria acessar as criações da bisá. Afinal de contas, não bastava conservar o que quer que estivesse ali, era necessário ler o que havia ali. Seria um diário? Um livro de receitas? Talvez um romance? Ou seria uma antologia de contos e poemas? Seja lá o que fosse, queria lê-lo. Eis que, no fundo da memória, acendeu-se uma fagulha: o primo Gabriel, eu, estava estudando russo e podia, portanto, traduzir os cadernos.

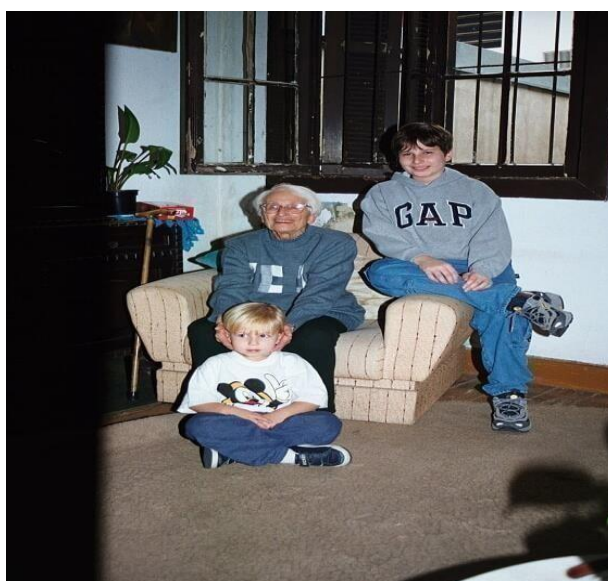
Àquela época, com apenas um ano de língua russa, não me animei a embarcar na empreitada. Achava que o parco conhecimento da língua e a inexperiência do fazer tradutório me desqualificavam. Só três anos depois, com quase quatro anos de graduação, dois e meio de russo e, claro, um TCC por fazer, tive que tomar uma decisão: encará-la. Foi assim que se deu a tradução dos cadernos da Sônia, que não teria acontecido sem a minha orientadora, a Denise, que me guiou pelos caminhos tortuosos do russo quando neles me perdia; sem Ezra Pound e Haroldo de Campos, dois poetas que traduziram de línguas com as quais tinha pouco

² Pinsk é uma cidade que hoje pertence à Bielorrússia, mas já pertenceu à Rússia e à Polônia. Em 1921, após a Guerra Polonesa-Soviética, a Rússia a entregou à Polônia.

contato – o primeiro do chinês³; o segundo do russo⁴ – e que me serviram de inspiração; e sem a própria bisã Sônia. Se ela não tivesse escrito e guardado essas criações, jamais teriam chegado até a mim, tampouco teriam unido o caminho dela, o migratório, ao meu, o tradutório.

Abaixo, trago uma foto sua comigo e com o meu irmão, o Fábio, os quatro primeiros comentários do meu processo de tradução de um conto dela (precedidos de quadros com a transcrição em russo, a transliteração e a tradução em português) e o conto em português e em russo, tudo retirado do meu TCC.

Figura 1– Eu sentado no chão, a Sônia, na poltrona, e meu irmão, no braço



Fonte: imagem cedida por Mendel Wainstein.

2. Comentários sobre o processo de tradução

Quadro 1 – Transcrição, transliteração e tradução do primeiro trecho do conto

Transcrição em russo	Transliteração	Tradução em português
Представьте мой ужас, когда я утром рано встаю и направляюсь к кровати дочери она была пустой.	Predstáv'te mói újas, kogdá iá útrom ráno vstaiú i napravliáius' k krováti dócheri oná bylá pustói.	Imaginem o meu horror quando me levanto cedo de manhã, me dirijo à cama da minha filha e, sobre ela, nada.

³ Cf. MILTON, 1998.

⁴ Cf. CAMPOS, 2013.

Mal iniciei a caminhada tradutória, esbarrei na primeira pedra: “Predstáv'te”. Analisando-a, deduzi, pela terminação em “te”, que era um verbo na segunda pessoa do plural do imperativo que podia se referir a uma ou mais pessoas. Isso se dá pela peculiaridade do pronome pessoal da segunda pessoa do plural, “vy”, que – dependendo da situação – biparte-se em singular e plural: caso, por exemplo, estivesse falando com um estranho e quisesse me dirigir a ele, usaria o pronome “vy” maiúsculo no lugar do pronome da segunda pessoa do singular, “ty”, devido à formalidade; agora, se estivesse falando com mais de uma pessoa – sejam elas estranhas ou não – e quisesse me dirigir a elas, usaria o “vy” minúsculo. Em ambos os casos, conjugaria os verbos da mesma forma. Contudo, mesmo a par dessa peculiaridade, o porquê de a pedra estar ali continuava uma incógnita. Por isso, vindo ao meu socorro, despontou o utilíssimo dicionário eletrônico *Wiktionary*, do qual, como se verá ao longo da minha caminhada, vali-me ante várias dúvidas semânticas. Entre os possíveis significados de “Predstáv'te”, como “apresentar”, “mostrar”, “introduzir” e “imaginar”, era o quarto que se encaixava com os elementos “mói újas” (traduzidos como “o meu horror”), pois a personagem-narradora, prestes a contar algo ao leitor, recorre a uma fórmula que o põe no lugar dela para que sinta o que sofreu. Assim, da então pedra, veio o verbo “imaginar”, mas ainda faltava decidir se o empregaria no singular ou no plural, ao que respondi com o seguinte: quando a minha família narra histórias, não há somente um interlocutor, senão vários. Portanto, ei-lo: “imaginem”.

Seguindo a caminhada, acerquei-me do primeiro ponto em que contemplei criar um caminho diferente do original com o intuito de acrescentá-lo ao já existente. O ponto a que me refiro é quando a personagem-narradora, ao se aproximar de onde a filha dorme, percebe que a sua cama está vazia e a sua filha, perdida. No original, é somente isso que transparece. A cama, por estar vazia, indica que alguém está ausente; quem geralmente dorme nessa cama é a filha, logo, esse alguém que está ausente é nada mais, nada menos que a filha da personagem-narradora. Agora, na tradução, não é somente isso que transparece. Não. Quando a personagem-narradora vai ao encontro da cama da filha, ela encontra nada – nada sobre a cama, nada sobre a filha. Não há nada. Mas nada de quê? Não há ninguém sobre a cama? Não se sabe nem se fala sobre a filha? Não sei. Ninguém sabe. E ninguém pode saber. A partir do momento em que acrescentei a preposição “sobre” mais o pronome pessoal “ela” mais o pronome indefinido “nada”, imbuí no texto o indeterminado, o indefinido, aquilo que está presente, mas ao mesmo tempo não. Foi esse indefinido que me guiou a uma miríade de caminhos de onde havia somente um. Portanto, foi naquele ponto que vi a oportunidade

de distorcer, expandir e remodelar o caminho que aparentava reto e sem deslizos em um pelo qual não só o leitor como também o conto caíssem na infinitude do indeterminado.

Quadro 2 – Transcrição, transliteração e tradução do segundo trecho do conto

Transcrição do russo	Transliteração	Tradução em português
Скоро деревня была обыскана, но моя дочь исчезла.	Skóro derévnia bylá obýskana, no moiá doch' istchézla.	De pronto a aldeia foi vasculhada, mas a minha filha se foi.

Brilhando, porém não ofuscando o meu caminho, jazia a próxima pedra: “obýskana”. Acorri, diante da minha ignorância semântica, ao *Wiktionary*, que me propôs a entrada do verbo “obýskat”. Afobado, obedeci à indicação sem examiná-la e recebi as seguintes definições: “procurar”, “inspecionar” e “investigar”. Satisfeito, tratei de achar uma forma de integrá-la aos elementos “Skóro derévnia bylá” (traduzidos como “de pronto a aldeia foi”). Mesmo incerto sobre a terminação em “na”, me contive e transformei o verbo na expressão “em busca dela”, que, para todos os efeitos, se adequava tanto às definições propostas quanto aos elementos precedentes. Assim, repondo a pedra onde estava, notei que ela – agora esmaecida pós-transformação – brilhava menos, mas ainda brilhava. Intrigado, tentei compreender por que continuava a brilhar até que percebi que sozinho não conseguiria. Foi aí que chamei minha orientadora, a Denise. Apontando-lhe a fonte de luz, detalhei os passos que tomei até chegar à solução. Enquanto me escutava, balançava a cabeça, pensativa. Com o relato feito, ela foi certa: “‘Obýskana’, Gabriel, é a forma curta do particípio adjetival passivo passado... Uma possível solução seria ‘vasculhada’.” Impressionado com a naturalidade da resposta e de acordo com a solução, fui atrás do dito particípio encurtado. Dessa vez, quem me socorreu não foi o *Wiktionary*, mas sim o guia de referência *Fale Tudo em Russo!*, de Ekaterina Vólkova Américo e Gláucia Roberta Rocha Fernandes. Nele, consta a seguinte explicação: “O particípio adjetival passivo modifica substantivos. Eles são formados de verbos [...] que, por sua vez, **descrevem a ação sofrida pelo substantivo**. Eles podem estar no tempo presente ou **passado**. (AMÉRICO; FERNANDES, 2013, p. 255, grifo meu). Abaixo dessa explicação, demonstra-se a formação de tais particípios por meio das terminações “n”, “nn”, “iónn” ou “t”, acrescidas das terminações de adjetivo (“ýi”, masculina, “áia”, feminina, “óie”, neutra, e “ýie”, plural). E, por fim, afirma-se que esses particípios podem estar na forma curta, o que acarreta a remoção ou diminuição da terminação de adjetivo: enquanto a masculina desaparece, as outras três perdem a última letra.

Portanto, à medida que tais detalhes se elucidavam, o brilho da pedra, que outrora cintilava, foi diminuindo e diminuindo até que, enfim, apagou.

Com a certeza de que este trecho estava concluído, arrumei meus apetrechos para seguir adiante. Porém, ao checar minha bússola, reparei que indicava um caminho diferente do mapa. Passara, para a minha surpresa, por outro ponto que podia reestruturar. Então, mudando a rota, fui para lá. O ponto em questão é quando a personagem-narradora, apesar dos esforços para localizar sua filha, confirma o desaparecimento dela. Aqui, é o verbo “istchézla” que não deixa dúvidas interpretativas. Segundo o companheiro *Wiktionary*, o verbo “istchézla” significa “desaparecer”, e foi exatamente isso o que aconteceu: a filha desapareceu. No entanto, orientado pela bússola, e perante terreno propício a mudanças, resolvi deixar a dúvida entrar. Assim, desbravando onde havia mata, ergui um novo caminho. A confirmação de antes passou à imprecisão: a filha, sim, poderia ter desaparecido da aldeia, mas também poderia, na pior das hipóteses, ter ido para sempre dali. Desde a simples fuga, atravessando o possível epitáfio, até o afastamento familiar, o novo caminho obedecia aos meus pontos cardeais: a indeterminação e as tendências literárias. O primeiro porque estendia e, ao mesmo tempo, obnubilava o campo interpretativo, e o segundo porque subvertia os acontecimentos subsequentes. Portanto, plantada a dúvida, engrandeceu-se o caminho.

3. Tradução de Gabriel Iochpe Wainstein do conto de Sônia Wasserstein

Imaginem o meu horror quando me levanto cedo de manhã, me dirijo à cama da minha filha e, sobre ela, nada.

De pronto a aldeia foi vasculhada, mas a minha filha se foi.

Ao questionamento aos vizinhos, respondiam com acenos de cabeça, compadecendo-se do nosso infortúnio.

De repente avisto a amiga da minha filha correndo na minha direção, e, ofegante, me conta a seguinte história.

Um tal monge chegou aqui para se alojar com eles; daí a minha filha, visitante frequente que era, acabou por conhecê-lo.

Discursos constantes... sobre a tonsura, sobre a vida isolada... sobre a remissão de pecados, sobre o eterno acompanhamento...

Eles influenciaram, pelas rezas, a minha filha... que se ela for uma serva obediente, vão agraciá-la... que vão torná-la mãe acima de todos que rezam.

A cabeça de vento da minha filha se maravilhava com os milagres que vinham acontecendo na aldeia. Ela... ela é criança da natureza, e, por causa disso, o monge foi feliz e fez a cabeça dela sem demora.

Ela aquiesceu à tonsura, mas sabia que não receberia o consentimento dos pais e resolveu, então, fugir às escondidas.

Tudo que ela desejava se tornou realidade: ela fugiu com o monge.

“Salvem a minha filha dos lábios pálidos daquele velho!” escapou um grito de desespero.

Ele se calou. Lágrimas grossas escorreram pelas suas finas bochechas; ele, pesadamente, abaixou a cabeça até o peito e permaneceu imóvel.

Olhava-o, examinando a história, sem ânimo.

4. Conto de Sônia Wasserstein

Представьте мой ужас, когда я утром рано встаю и направляюсь к кровати дочери она была пустой. Скоро деревня была обыскана, но моя дочь исчезла. На расспросы у соседей они отвечали кивками, и сочувственно отнеслись к нашему несчастью. Вдруг я вижу ко мне навстречу несется подруга моей дочери, запыхавшись и что рассказывает мне следующую историю. Сюда приехал какой-то монах поселился у них, так моя дочь была частой посетительницей своей подруги, то попала в общество монаха. Постоянные речи... о пострижении о уединенной жизни... об отпущении грехов о вечном препровождении в молитвах действовали на мою дочь... что если она будет послушной служительницей, то ее произведут в... сделают матерью над всеми молящимися. Ветреная головка моей дочери удивлялась чудесам, которые творятся в их деревне. Она... дитя природы и потому ему удалось вскоре вскружить голову моему ребенку. Она согласилась постричься, но она знала, что не получить согласия от родителей и потому решила убежать тайком. Все то, что она исполнилось, она убежала с монахом. Спасите мою дочь вырвался отчаянный вопль из побледневших уст старика. Он умолк. Крупные слезы покатались по его исхудалым щекам, он тяжело опустил голову на грудь и остался недвижим. Я смотрел на него и внимая рассказу был удручен.

Referências

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova; FERNANDES, Gláucia Roberta Rocha. **Fale Tudo em Russo!** Barueri: Disal, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. O texto como produção (Maiakóvski). In: CAMPOS, Haroldo de. **A ReOperação do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2013. pp. 47-94.

MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.